

A memória do cinema

Vladimir Carvalho reúne a produção cinematográfica de Brasília em Fundação

Imagine uma instituição com sede própria, espaço físico adequado, com auditórios — para a projeção de filmes raros nacionais e estrangeiros — bibliotecas, salas de leituras e de cursos livres para a formação de espectadores. Imagine a realização de exposições nessa instituição, ciclo de vídeos e debates polêmicos, após a projeção de filmes, com a participação de diretores, atores, críticos e o público em geral. Sonhe mais ainda: essa instituição atende pelo nome de Fundação Cinememória do Distrito Federal, não tem fins lucrativos, edita uma revista sobre cinema e reúne todo o acervo da memória cinematográfica de Brasília.

Agora, caia na real: mesmo sendo considerada patrimônio cultural da humanidade e em véspera de completar 34 anos de existência, Brasília, capital da República, não tem ainda um arquivo da sua memória cinematográfica. Mesmo sediando um pólo oficial de cinema e vídeo e sendo a cidade-residência de cineastas como Geraldo Moraes, Vladimir Carvalho e Pedro Jorge, entre outros. Mas o sonho pode se transformar em realidade: Vladimir Carvalho, diretor, entre outros, do filme *Conterrâneos Velhos de Guerra*, há 18 anos vem trabalhando solitário no projeto de criação da Fundação Cinememória do DF e está escrevendo um livro sobre a filmografia brasileira.

Cinemateca — Nascido na Paraíba — terra de poetas como Jorge de Lima e Augusto dos Anjos — Vladimir Carvalho

mora em Brasília desde 1970. Professor da Faculdade de Cinema da Universidade de Brasília, vem coletando tudo que lhe chega às mãos sobre o cinema candango e brasileiro em geral. O material foi se avolumando de tal maneira que hoje o cineasta está se mudando do apartamento na Asa Sul para uma casa, onde o sonho da Fundação Cinememória do DF vai ensaiar os primeiros passos em direção à realidade. Será o embrião da futura Cinemateca de Brasília.

"A coisa evoluiu para um ponto irreversível", explicou ele. "Ou preservamos a memória cinematográfica do DF ou desaparecemos. Em vista da crise econômica que coloca o governo numa situação de permanente proteção com vistas à produção de cinema no Brasil, ficamos ou ficamos as cinematecas e todos os programas culturais ligados ao cinema em situação de penúria. E, por conta disso, os nossos filmes estão enfrentando um galopante processo de deterioração. No caso de Brasília, este quadro alcança proporções alarmantes".

O cineasta acrescentou afirmando que tudo que "produzimos no DF em termos de imagem cinematográfica, está ameaçada porque não temos aqui sequer uma sala climatizada onde possamos abrigar nossas cópias e negativos. Não temos recursos para providenciar novas cópias de nossos filmes e os nossos negativos que são suas matrizes estão ameaçados. Não podemos mais guardá-los embaixo da cama. Daí, a idéia de uma fundação, que sirva de arquivo da memória cinematográfica do DF. Com essa fundação, virá uma política cultural capaz de salvar e organizar toda a memória cine-

matográfica ou audiovisual a respeito de Brasília".

Tempo é inimigo — Vladimir diz que o tempo, no caso específico dos cineastas, é um inimigo implacável. Filmes e negativos que não são adequadamente guardados — salas climatizadas etc — "se evaporam com a ação do tempo. A guarda e a manipulação desse material é delicada, complicada. O arquivo de todos os cineastas que vivem e produzem em Brasília, inclusive o meu, está ameaçado de desaparecer. A imagem some. O filme degenera mesmo, mais rápido do que o papel. Não é por outra coisa que o governo americano, todos os anos, faz novas cópias do filme *E o Vento Levou*, considerado um clássico do cinema universal. Mas isto só ocorre nos EUA".

Vladimir considera um "absurdo" o fato da não-existência, em Brasília, sequer de uma sala climatizada onde "possamos abrigar nossas cópias e negativos. Tudo o que produzimos em termos de imagem, portanto, todas as peças do cinema brasileiro, estão ameaçadas. Ora, todo cidadão medianamente informado sabe que preservar o realizado é tão importante quanto fazer. Não temos recursos para providenciar novas cópias de nossos filmes e os nossos negativos, que são suas matrizes, estão ameaçadas. Eu pessoalmente temo que o meu trabalho, que faço há mais de 30 anos, seja destruído pelo tempo".

Vladimir assegurou que os cineastas que vivem no eixo Rio de Janeiro-São Paulo não enfrentam esse risco de verem suas obras destruídas pela ação do tempo. Em Curitiba (PR) também existe uma cinemateca. "Por que Brasília, que é a capital do País, não tem ainda a sua cinemateca? Aqui, nós temos o festival de cinema mais im-

portante do País, depois do Festival de Gramado (RS). O que precisamos agora é de uma política para esse setor. Não adianta termos um pólo oficial de cinema e vídeo e não temos como preservar esse material, guardar a sua memória".

Até na França — Para escapar do fantasma da destruição, Vladimir diz que os cineastas candangos fazem mil e um artifícios. Um deles é espalhar seu material nas cinematecas do Rio de Janeiro e de São Paulo. "Eu por exemplo", revelou, "tenho material espalhado nessas cinematecas e aqui no Arquivo Público do DF. É um acervo de mais de cem horas de filmes, entre imagens não montadas e cópias de toda a minha produção. Modéstia à parte, nesse acervo existem peças preciosas da própria história de Brasília, como é o caso da imagem não utilizada na montagem do meu filme *Conterrâneos Velhos de Guerra*".

Vladimir Carvalho também tem material guardado na Cinemateca Francesa, em Paris, no Centro George Pompidou. Para a concretização do projeto Fundação Cinememória do Distrito Federal, ele espera contar com o apoio financeiro de entidades privadas e do próprio Estado. Neste momento, articula a criação de um Conselho Consultivo para a Fundação. "Estamos trabalhando no aspecto jurídico de criação da fundação, para a sua legalização. Já temos estatuto. Só nos falta o essencial: dinheiro. Sonhamos com uma sede própria, com auditórios, biblioteca, salas etc. E não vamos desistir", concluiu.

Foto: VANDERLEI POZZIBOM



Vladimir Carvalho: mudando para uma casa maior para guardar equipamentos, filmes e negativos com a produção cinematográfica da cidade

Festa para o primeiro século

"O cinema, em 1995, estará fazendo um século de gloriosa existência". A lembrança é do cineasta Vladimir Carvalho. Para ele, Brasília, capital da República e patrimônio cultural da humanidade, pode dar "uma grande contribuição para as comemorações dos cem anos de cinema, criando a sua cinemateca, a exemplo das existentes nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná". No Brasil, o cinema só começou em 1896. "Vamos comemorar o nosso século de cinema em 1996, mas essa comemoração será feita com alguma tristeza: muito da nossa memória cinematográfica já foi destruído pelo tempo".

O cineasta lembra que "não existe vacina contra a perda de memória cultural". E que o remédio mais eficaz, "caseiro", é a

preservação e divulgação dos materiais históricos". Vladimir acredita que somente o governo "e as grandes empresas têm condições de preservar a memória de um país, além do espontaneísmo do povo". No acervo que vem formando desde 1970, sobre a memória cinematográfica de Brasília e até universal, Vladimir já conta com mais de três mil peças catalogadas. Entre o acervo, o cineasta tem a coleção completa da *Revista de Cinema*, que era editada no Uruguai.

Raridades — No apartamento onde vive na Asa Sul e que vai trocá-lo por uma casa nos próximos dias, Vladimir tem outros momentos da história do cinema de Brasília, do Brasil e do mundo, considerados raridades. "É o caso da coleção da célebre *Revista de Cinema* que se editou em Belo Horizonte (MG) na década de 50. Tenho ainda outra quase completa da revista *Filmecultura*, editada pelo MinC e Embrasil. Tenho ainda uma pequena biblioteca especializada com títulos nacionais e estrangeiros". Isso sem falar no

acervo iconográfico que recolheu durante a realização do I Festival do Filme Brasileiro, a recuperação e a catalogação dos fichários do antigo Clube de Cinema de Brasília e alguns equipamentos pioneiros, como a primeira câmera adquirida por um grupo do Clube de Cinema, além da primeira moviola usada pelos cineastas candangos. Essa moviola foi arrematada num leilão realizado no Rio de Janeiro, por iniciativa da embaixada dos EUA no Brasil.

Agora com a idéia de criação da Fundação Cinememória do DF, Vladimir Carvalho espera sensibilizar toda a comunidade para o projeto, governo e iniciativa privada, além da sociedade, que pode colaborar fazendo doações ao cineasta, de obras como cartazes ou fotografias de filmes famosos. Um primeiro resultado de tudo isso está para virar realidade: o cineasta está preparando um livro sobre o cinema brasileiro. É uma pesquisa subsidiada com recursos de uma bolsa de estudo que conseguiu. O livro ainda não tem data de publicação.